

A mulher
que
virou
beija-flor





Como as pessoas falecidas
chegam ao céu? Na Amazônia
algumas comunidades indígenas
acreditam que os mortos se
transformam em borboletas.































Essa mutação física é também um processo de purificação que desmaterializa o corpo humano e lhe confere leveza e asas. A borboleta é a emanção de um corpo celestial, espiritual.

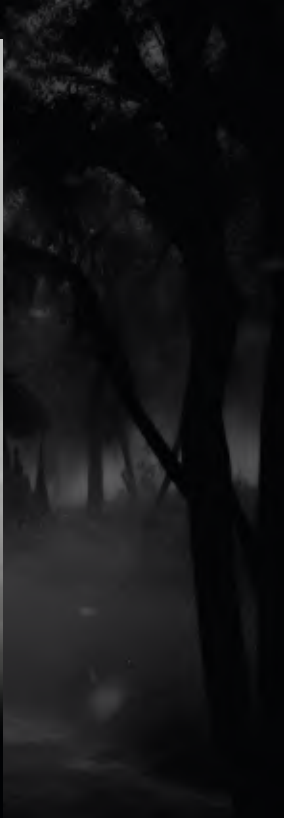
















Para ganhar os céus na forma de borboleta, é preciso voar de flor em flor, sugando o néctar e fortalecendo-se para carregar o próprio peso durante a viagem, onde cada ser alado irá encontrar com seus antepassados e viver em harmonia.

















Coaciaba era uma mulher indígena de rara beleza. Muito jovem havia se casado com um homem guerreiro, protetor de sua aldeia.













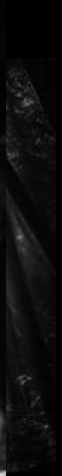
Numa das batalhas para
proteger seu povoado, seu
marido foi atingido por uma
flecha inimiga e faleceu.

























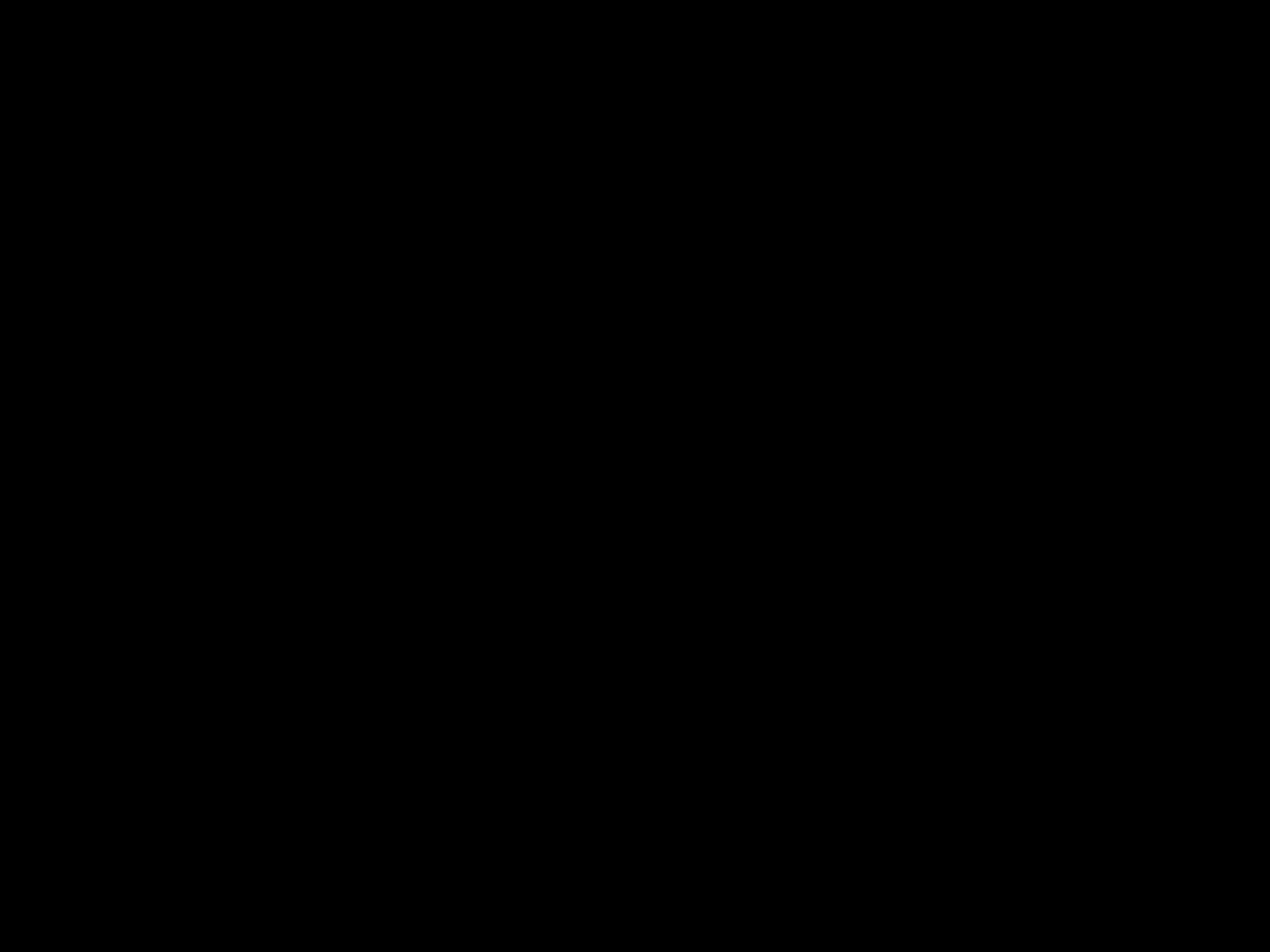


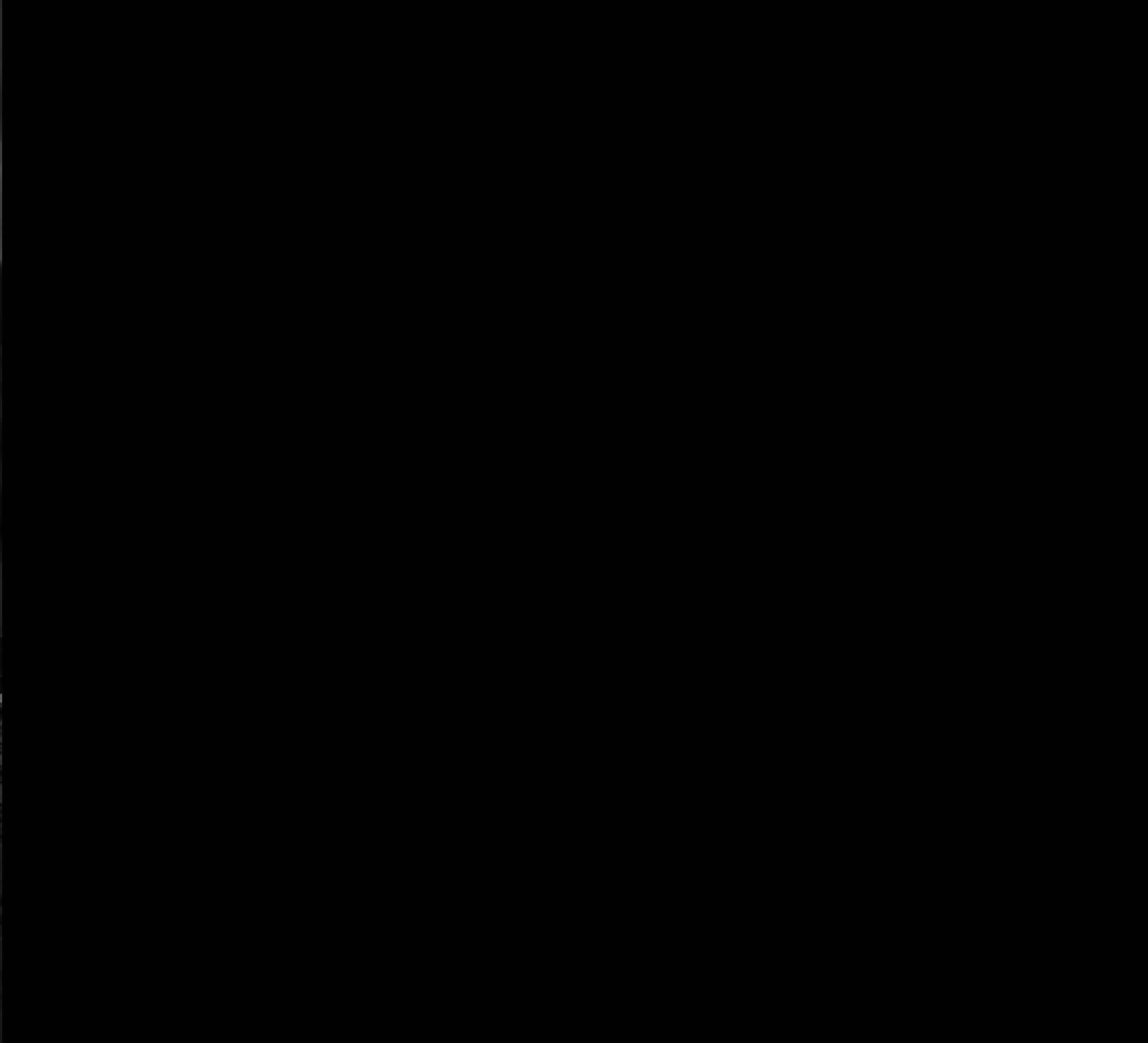






Muito desolada com
a perda de seu amor,
Coaciaba realizou o
funeral de seu marido
com a filha Guanambi.





































Para aliviar a saudade
interminável do marido,
Coaciaba passeava todo
dia pelas margens do
rio, vendo as borboletas,
ou na campina, onde
também esvoaçavam
os mais diferentes
pássaros e insetos.









De tanta tristeza, Coaciaba
acabou morrendo. Não se morre
só de doença ou por velhice.
Morre-se também por saudade
da pessoa amada.













Guanambi, a filha, ficou totalmente sozinha. Inconsolável, chorava muito, especialmente, nas horas em que sua mãe costumava levá-la para passear. Passava os dias ao lado do túmulo de Coaciaba. Não queria mais viver. Pedia a mãe e aos espíritos que viessem buscá-la para reencontrar seus pais.



















De tanta tristeza, Guanambi
foi definhando dia a dia até
que morreu também. Mas,
curiosamente, seu espírito não
virou borboleta como o dos
demais antepassados da aldeia.
Ficou aprisionada dentro de
uma linda flor lilás, pertinho da
sepultura de sua mãe, como
havia pedido aos espíritos.









Coaciaba, em forma de borboleta, esvoaçava entre as flores sugando néctar para se fortalecer e encetar sua viagem ao céu onde encontraria seu amado guerreiro.



Certo dia, ao entardecer,
ziguezagando de flor em
flor, pousou sobre uma linda
flor lilás. Ao sugar o néctar
ouviu um chorinho triste. Seu
pequeno coração de borboleta
estremeceu e quase desfaleceu
de emoção. Reconheceu dentro
dela a vozinha da filha querida
Guanambi. Como poderia estar
aprisionada dentro da flor?















Era preciso libertar Guanambi para juntas alcançarem o céu. Mas na forma de uma borboleta ela não teria forças para abrir as pétalas, romper a flor e libertar sua filha. Em lágrimas, Coaciaba suplicou aos espíritos criadores e aos ancestrais da comunidade.



*– Por amor ao meu marido,
valente guerreiro, morto em
defesa dos irmãos e das irmãs,
por compaixão da minha filha
orfã, Guanambi, presa no
coração da flor lilás, eu vos
imploro, espírito benfazejo e
a vós todos, anciãos da nossa
comunidade, transformem-me
num passarinho veloz e ágil, com
um bico pontiagudo para romper
a flor e libertar minha filhinha.*









Tamanha foi a compaixão despertada por Coaciaba que o espírito criador e os anciãos atenderam, sem delongas, a sua súplica. Transformaram-na numa belíssima beija-flor, que pousou imediatamente sobre a flor lilás.

























Emocionada sobre a flor,
Coaciaba sussurrou:

– Filhinha, sou eu, sua mãe. Não se assuste. Fui transformada num beija-flor para vir libertá-la.

Com o bico pontiagudo, foi tirando com cuidado pétala por pétala até abrir o coração da flor e encontrar Guanambi.





















Ao se abraçarem, Coaciaba recuperou sua forma de borboleta. Mãe e filha purificadas, iniciaram um voo em elipses a caminho do céu. No meio da viagem juntou-se a elas mais uma borboleta. Era o guerreiro pai e marido que veio encontrá-las para levá-las ao seu recanto celestial, onde a família passaria a viver agora.







Coordenação

Eder Chiodetto e Milton Montenegro

Plataforma de Inteligência Artificial

Midjourney V4 e V5

Design gráfico

Rafael Simões

Fotógrafos

Ana Regina	Daniela Lucheta	Lorena Lopes	Maria Ercília Castro	Rogério Marques
Bia Serranoni	Denise Camargo	Luca Jardim	Maria Helena Macêdo	Sabrina Lisauskas
Carol Gorini	Eduardo Paiva	Lucrécia Couso	Mariana Rocha Biojone	Tati Abreu
Carolina Krieger	Eduardo Sandeville	Marbo Mendonça	Mateus Morbeck	Thaina Duarte
Dani Carbognin	Gui Mazzoni	Marcela Neves	Matheus Bernert	Ulisses Castro
Daniela Balestrin	Ivonete Leite	Marcelo Conrado	Paulo Vitale	

A geração de imagens por meio de plataformas de Inteligência Artificial vem sendo otimizada e difundida pelo mundo, alcançando um grande contingente de fotógrafos e outros interessados em conhecer melhor essa surpreendente e ainda polêmica novidade. A fim de avaliar os recursos e possibilidades dessa tecnologia, que abala as estruturas da fotografia contemporânea, nada melhor do que experimentá-la.

Essa foi a proposta que fiz aos integrantes dos dois grupos do meu curso "Fotografia: Curadoria, Edição e Repertório". O fotógrafo Milton Montenegro, profissional com grande experiência na interface entre fotografia e tecnologia, e um dos pioneiros no uso de IA em trabalhos autorais de cunho artístico no Brasil, foi convidado para ser o instrutor deste módulo.

Entre março e abril de 2023, os 63 participantes do curso mergulharam no oceano de possibilidades da plataforma Midjourney, instigados pelas ferramentas mostradas por Montenegro. Após a assimilação de alguns processos de geração de imagens, os grupos de fotógrafos foram desafiados a criar uma crônica visual para dois contos do livro "O Casamento entre o Céu e a Terra" (Editora Planeta), do teólogo Leonardo Boff.

Narrativas da tradição oral indígena amazônica, vertidas em literatura pelas mãos de Boff, agora ganham uma versão imagética com os efeitos da inteligência algorítmica. Em tom fabular e mitológico, as lendas dos habitantes nativos do Brasil mostraram-se um terreno fértil para a livre criação de imagens em contexto surrealista.

Em determinadas situações do nosso estudo, os participantes do projeto perceberam algumas dificuldades do sistema de aprendizado de máquina (*machine learning*) para conseguir que a plataforma gerasse imagens com as feições de indígenas brasileiros ou paisagens com a floresta amazônica.

Espelhando o predomínio econômico e político do Hemisfério Norte, a plataforma de IA parecia desconhecer as pessoas e a natureza das áreas mais ao Norte do Brasil e abaixo da Linha do Equador. Nos diálogos durante os encontros, decidimos deixar que o trabalho final apresentasse essas discrepâncias para pontuar esse poder hegemônico responsável pela disseminação de processos de exclusão, apagamentos, preconceitos e divisão desigual de renda, entre outros problemas que se arrastam na história da humanidade.

Seremos eternamente gratos a Milton Montenegro pela generosidade e paciência em nos mostrar caminhos antes nunca imaginados para a criação desse projeto coletivo. Um profissional que sabe extrair poesia de onde imaginávamos que houvesse apenas a frieza dos algoritmos é, com certeza, um modelo de pensador e criador que devemos exaltar nesses novos tempos.

Agradecemos ao escritor Leonardo Boff por trazer à tona contos dos povos indígenas do Brasil, facilitando assim nosso acesso às histórias dos povos originários.

Fazer a ponte entre novas tecnologias e a mitologia dos indígenas da Amazônia foi também nossa forma de manifesto em prol da ancestralidade e da sabedoria dos povos originários que tanto têm nos ensinado nesses tempos obscuros em que a vida precisa ter seus valores revisados.

Agradeço imensamente a forma como as duas turmas de fotógrafos e entusiastas da fotografia se entregaram nessa imersão por vezes fantástica, outras perturbadora, mas que sem dúvida nos ampliou a visão crítica sobre as mudanças do status da imagem na contemporaneidade.

Os 184 anos de história da fotografia provam que não devemos temer novos suportes e ferramentas que chegam para ampliar o repertório de possibilidades expressivas da linguagem. O ser humano, no fim de tudo, será sempre o principal vetor da criação.

Eder Chiodetto

Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP)

Ficha elaborada segundo a AACR2r

M956

A mulher que virou beija-flor [livro digital] /
fotografias Bia Serranoni

[et al.] ; coordenação Eder Chiodetto e Milton
Montenegro — São Paulo :

Fotô Editorial, 2023.

109,4 Mb ; PDF (157 p.)

ISBN 978-85-63824-51-6

I. Fotografia. 2. Natureza. 3. Cultura indígena.
4. Morte. 5. Inteligência artificial. I. Serranoni,
Bia. II. Chiodetto, Eder. III. Montenegro, Milton.

IV. Título

CDD 770

Renata Baralle — Bibliotecária — CRB-8/10366

ISBN 978-85-63824-51-6



Av. Imperatriz Leopoldina, 957, Sala 410
Vila Leopoldina - São Paulo/SP
CEP 05305-011

www.fotoeditorial.com